

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 43—Lisboa

A PAZ



Para o ex-kaiser:
— Ora até que enfim me deixas descansar!



PALESTRA AMENA

Tosse convulsa

Na verdade vos dizemos que estamos escrevendo com uma temperatura de tantos graus centígrados que nem nos atrevemos a olhar para o termometro para não nos cair a pena com o desanimo, ficando assim o leitor privado d'este acepipe semanal. E como os miolos estão passando n'este momento ao estado pastoso, as idéas, por um extranho fenomeno, contrario a todas as leis fisicas e morais, estão passando ao estado solido, endurecem, petrificam e, assim, a palestra corre o risco de passar ao estado de vapor, desaparecendo por falta de assunto.

... A não ser que tomemos por assunto um facto a que hontem á noite assistimos, no teatro de S. Luiz, durante a representação do *Pé de meia*, que contávamos ouvir com a atenção que nos merecem todos os trabalhos de Eduardo Schwalbach. O qual facto consistiu em não termos ouvido nada do que os artistas disseram durante os tres primeiros quadros, porque o nosso logar na plateia era perto de uma frisa onde uma criancinha, ao colo de uma senhora, tossia constantemente, com espasmos, n'uma aflicção que fazia mais dó de que desespero por não nos deixar atender ao que se passava em cena.

O' senhores! Mas que idéa faz esta gente, que se diz cristã, do preceito que manda não fazer a outrem o que não queremos que nos façam? Então aquella dama, se nós tivéssemos levado para o teatro uma criança com tosse convulsa e essa criança estivesse durante meia hora, ou mais, a cacarejar dolorosamente, não nos chamaria malcriados, lá com os seus botões, e não chamaria um porteiro para nos pôr fóra, com a dita criancinha?

E que mãis sois vós, ó senhoras, que levais para a atmosfera viciada d'uma sala de espectaculos um pequerrucho, demais a mais com tal doença?

Não tendes com quem o deixar, di-reis: mas então ficae em casa, deixae-vos de teatros quando o vosso filho sofre, quando precisa dos vossos cuidados. E mesmo que não tenha tosse convulsa: que diabo de mulheres de coração são vocês, as que levam ao teatro, como se vê todas as noites, crianças de colo ou outras de pouca idade, que vão para a cama á uma hora da noite ou dormem, a envenenar-se com o fumo dos cigarros, a um canto do camarote, emquanto vós saboreais a graça d'um comico ou chorais com as carantonhas d'um tragico?

E de que especie de materia sois vós feitos, senhores maridos, coniventes de tais delitos, para os quais o código é silencioso, mas que toda a pessoa de senso condena? Aqui fica exarado, para que o saibam, que aprovamos com todo o entusiasmo o marido que, em esposa que assim prati-

casse, batesse com uma flôr ou com um molho d'elas, atado a uma vara de marmeleiro.

—E' bruto! dirá a leitora, indignada com o nosso alvitre.

E' que não se vê obrigada a escrever com uma temperatura d'estas!

J. Neutral.

Ovos de ouro

Entrevista com uma galinha

Como nos pedissem ha dias por dois ovos quentes vinte e quatro escudos, resolvemos mandar um reporter ao galinheiro d'uma vizinha nossa, a fim de averiguar a razão da carestia dos ovos, ouvindo quem sobre tal mais de papo podia falar, isto é, uma galinha.

Sua ex.^a que se achava de cocoras, com sentinela á vista, recebeu-nos com uma vaidade justificada. Depois de nos mirar com desprezo, perguntou:

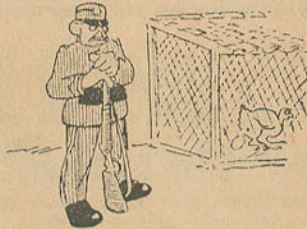
— Como te atreves, ó miseravel bipede que não pões ovos, a perturbar o parto d'uma dama que os põe de ouro?

— De ouro, illustre pedrez?

— Ouro é o que ouro vale, e por que taes preciosidades gero é que a patrão aqui mandou pôr uma sentinela, não me vão ao galinheiro!

— Mas a razão da carestia?

— A razão? é a greve ferro-viaria.



— Perdõe-nos, formosa dama, mas nós compreenderiamos que encarecessem os ovos vindos de fóra, pela dificuldade dos transportes; mas v. ex.^a não põe agora os mesmos ovos que punha antes da greve? Com casca, gema e clara, como d'antes?

A galinha sorriu da nossa ignorancia em assuntos economicos e replicou:

— A greve ferro-viaria fez que houvesse em Lisboa crise de generos alimenticios, não é assim?

«Ora, havendo poucos generos alimenticios e continuando a população a ser a mesma, cada pessoa passou a comer muito menos e, por consequencia, a emagrecer.

«Raciocina v. ex.^a com cabeça.

— Isso sei eu. Eufraquecendo as pessoas, os medicos começaram a receitar fortificantes — ovos e leite, principalmente. De onde a grande procura de ovos e a respectiva carestia.

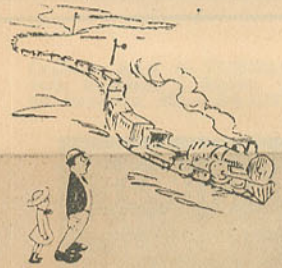
— Ai!

Este ai! foi um grito lancinante. Agradecemos a informação e retirámonos, no momento em que a parteira chegava a toda a pressa.

Ai, seus Estados-Unidos!

Contam os jornais que na capital dos Estados Unidos se formou agora um comboio militar, para S. Francisco da California, com desaseis quilometros de comprimento — o que nos causaria em rme assombro se não soubéssemos o nosso bocadinho de fisica, felizmente.

Não sabemos se os senhores sabem — se não sabem ficam sabendo — que n'este tempo em certas regiões dos Estados Unidos, faz um calor de muitissimos graus. Ora a verdade é que o dito comboio, ao formar-se, de ma-



drugada, era até mais pequeno do que os do costume, porque não teria mais d'uns 300 metros. Ora, d'aí a pouco nasceu o sol, o calor começou a apertar e, como dilata os corpos, calor foi ele que as carruagens, *fourgon*, maquina, etc., começaram a alastrar, a alastrar, até que meia hora depois constituam uma bicha de 16 quilometros.

Não foi outra coisa. Quando venham noticias da America é sempre conveniente ter presente todos os principios da ciencia, para não nos deixarmos iludir.

Livros, Livrinhos e Livrecos

O jogo da rosa, de Rafael Ferreira

— Trata-se d'uma comedia em 3 atos, adaptada, de autor que varias outras tem feito, com exito. Esta representou-se no Ginasio e agradou, como era seu dever. Não a vimos representar, mas lemos e demos palmas, no gabinete, ao adaptador, por sinal que a creada correu a saber o que queriamos e julgou que estavam malucos quando lhe dissemos que não lhe queriamos nada — que estavam a aplaudir uma peça.

Aproximação luso-brazileira.—

Não nos lembra se é bem este o titulo d'uma conferencia feita no Porto pelo illustre poeta João de Barros, mas seja qual fôr, o assunto é o que o dito titulo indica, tratado proficentemente, em linguagem primorosa. Devem ler.

Misterios da rua Saraiva de Carvalho —

Gil Goes dá-nos agora em livro a curiosa historia que nos tinha dado em jornal e que tanto intrigo os alfacinhas quando publicada. A intriga desapareceu, mas o interesse com que se lê, permanece.



Viagens acidentadas

EM FOCO

Uma das coisas mais deliciosas que podiam acontecer a uma pessoa, nas ultimas semanas, era uma viagem em caminho de ferro de Lisboa ao Porto. Temos presente o «Diario» d'um passageiro, que passamos a transcrever, aqui e ali.

«Dia 8 de Julho.—A Companhia dos Caminhos de Ferro annunciou que havia um comboio para o Porto, partindo do Rocio ás 9 horas. A's 8 e meia, depois de me equipar devidamente para a perigosissima travessia, fui comprar bilhete, depois do que me meti no comboio, com outros passageiros igualmente armados. Ao dar meio dia na estação, partiu o comboio das 9...

«Dia 8.—São 3 horas da tarde; estamos a meio do tunel do Rocio, sem incidente de maior. A maquina que partiu á frente em exploração, acaba de regressar de Campolide. A linha está desempedida. Partimos a passo.

«Dia 8.—S'ol posto. Encontramo-nos em Vila Franca, onde creio que pernoitaremos, porque se ouviram tiros suspeitos nas alturas de Sacavem.

«Dia 8.—E' meia noite. O comboio partiu de Vila Franca ás 11 horas e estamos agora em Azambuja. Vamos partir, segundo declaração do maquinista, com a maxima velocidade, isto é, tres quilometros á hora.

Dia 9.—Duas horas da manhã. Voltámos para traz; achamo-nos agora em Alverca, porque constou que no Setil um agulheiro se descoseu, me-



tendo agulha por alfinetes, o que faz supôr más intenções. Carreguei as armas que levava: duas espingardas, tres revolveres e quatro pistolas.

Dia 9.—Avançámos de novo. São 3 horas da manhã e estamos á vista do vale de Santarem. O comboio caminha com a velocidade de um quilometro por cada tres horas, para podermos examinar á vontade a casa da Joaniha de olhos verdes.



Eduardo Schwalbach

*Não sei quantos soretos tenho feito
A celebrar Em foco o nosso amigo,
Mas sejam quantos forem, o que digo
E' que ainda não fico satisfeito.*

*Emquanto não fizer a tal sujeito
Um por dia, ou por hora, não consigo,
Palavra d'honra, estar de bem comigo,
Tanto merece um repetido preito.*

*Este é porque ele fez o Pé de meia,
Outro é por outra coisa que ele faça,
Que d'ele oiça dizer, ou veja ou leia,*

*E mesmo que ele um dia por negaça
Não faça na'ta, continua a cheia,
Pois mesmo quieto e sem falar tem graça!*

BELMIRO.

«Dia 9.—Viajem sem incidente até Mato de Miranda, onde acabamos de chegar, ás 5 horas da tarde.

«Dia 9.—Aproximamo-nos de Vale de Figueira; são 10 horas da noite e cheira a dinamite. Os passageiros vão a pé, ao lado do comboio e recomendam ao maquinista a maior prudencia.

«Dia 9.—Já meia noite com vagar sou e ainda não chegámos a Vale de Figueira. O comboio parou. O maquinista adormeceu. Os fogueiros vão ali e já veem. Que inferno de viagem!

«Dia 10.—A linha está levantada n'uma extensão de dois milimetros e meio, a 6 quilometros de Torres Novas. Faz precisamente 48 horas que partimos do Rocio. O comboio começa a recuar.

«Dia 10.—São 5 horas da tarde. Estamos em Alhandra. O comboio recua sempre.

«Dia 10.—Entramos, recuando, no tunel de Campolide. O maquinista, interpelado, diz que é para ganhar impulso para um arranco definitivo. Há só um passageiro, que sou eu. Os outros, um foram ficando pelo caminho, outros alugaram carroças para a viagem, outros deliberaram continuar a pé.

São 5 horas da tarde.

«Dia 10.—O maquinista acaba de dar a maxima força. Entramos nas agulhas de Braço de Prata, pelas 11 horas da noite. Apeio-me, despeço-me do maquinista e vou alugar um burro. Conto chegar ao Porto lá para o inverno...»

Agua na panela

Como meia Lisboa sabe, e outra meia vai saber, a revista *Pé de meia*, em cêna no teatro de S. Luiz, tem passagens deveras engraçadissimas, verdadeiros achados. Entre estes deve contar-se a idéa d' «compêre», do *Roda Viva*, explicando que n'este paiz tudo, ou muita coisa, se remedeia deitando agua na panela.

Essa passagem inspirou a um vate espectador, os seguintes versos, que nos remete e que não deixam de ter o seu chiste:

I

E' um caso sabido e comum,
Que em familia se diz e repete:
A comida que chega p'ra um
Tambem chega p'ra seis ou p'ra sete.

Ao jantar aparece pessoa,
Ou pessoas sem ser convidadas,
Na panela deite agua a patrão
E as visitas ficaram jantadas.

II

Como a vida hoje em dia está mal
Toda a gente as despesas reduz,
De maneira que sei d'um casal
Que ao jantar come apenas cuscus.

Quando tem por acaso freguezes
A madama prepara a mistela
E os cuscus incham tanto, que ás vezes
Até deita por fora a panela!

III

Como o esposo tivesse saído
Convidou dona Engracia a jantar
Certo moço, mas e'is que o marido
Se lembrou, por seu mal, de voltar.

Agastou-se o sujeito, mas ela
Recorreu á receita ssegura,
Isto é, recorreu á panela
E comeram os dois com fartura.

Bruno.

EXIGÊNCIAS

«Parece que Sua Santidade Benedito XV vai intervir,
publicando uma bula sobre as atuais modas femininas»

(Dos jornaes).



*A esposa, depois de ler o telegrama:**

*— Mas, Deus do ceu! Até onde querem os homens que as saias subam,
para se mostrarem satisfeitos!*